

O rei do mundo

David Remnick

Muhammad Ali e a ascensão
de um herói americano

TRADUÇÃO
Celso Nogueira

POSFÁCIO
João Gabriel de Lima

JORNALISMO  LITERÁRIO
COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 1998 by David Remnick

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL

King of the world

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Flávia Castanheira

FOTO DE CAPA

© Philippe Halsman/ Magnum Photos/ LatinStock. Nova York, 1963.

PREPARAÇÃO

Otacílio Nunes

REVISÃO

Juliane Kaori

Renato Potenza Rodrigues

ÍNDICE REMISSIVO

Rodrigo Puelles

Gabriela Morandini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Remnick, David

O rei do mundo : Muhammad Ali e a ascensão de um herói
americano / David Remnick ; tradução Celso Nogueira. — São
Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: King of the world.

ISBN 978-85-359-1892-2

1. Ali, Muhammad, 1942 2. Boxeadores — Biografia I. Título.

11-05991

CDD-796.83092

Índice para catálogo sistemático:

1. Boxeadores : Biografia 796.83092

2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Para meu irmão Richard e para meu amigo Eric Lewis

SUMÁRIO

PRÓLOGO

Em Michigan 9

PARTE UM

1. Homem subterrâneo 18
2. Dois minutos, seis segundos 46
3. Sr. Fury e sr. Gray 65
4. Despido 93

PARTE DOIS

5. O ladrão de bicicleta 104
6. Exuberância do século xx 124
7. Segredos 153
8. Sensação 174

PARTE TRÊS

9. A Cruz e o Crescente 192
10. Caça ao urso 203
11. *Eat your words!* 214
12. O desafio 238

PARTE QUATRO

13. “Salve-me, Joe Louis...” 254
14. Tiroteio 268
15. O soco âncora 288
16. O que há num nome? 303

EPÍLOGO

Veteranos em volta da lareira 322

Notas sobre as fontes e agradecimentos	347
Posfácio	352
Índice remissivo	361
Sobre o autor	375

PRÓLOGO

Em Michigan

Cassius Clay entrou no ringue em Miami Beach vestindo um roupão branco curto, bordado nas costas com a inscrição “The Lip” [O Lábio]. Lindo como sempre. Rápido, esbelto, 22 anos. Mas, pela primeira e última vez na vida, sentia medo. O ringue estava cheio de pugilistas de futuro ou decadentes, de segundos e de empresários. Clay os ignorou. Começou a se aquecer, jogando o peso do corpo de um pé para o outro, arrastando-se desanimado no início, como um maratonista de dança às dez para a meia-noite, mostrando aos poucos mais velocidade e prazer. Após alguns minutos, Sonny Liston, campeão mundial dos pesos-pesados, atravessou as cordas e pisou na lona, cauteloso como se entrasse numa canoa. Usava roupão com capuz. Seus olhos baços não traíam preocupação, eram os olhos mortos de um homem que jamais recebera favores da vida e nunca dera moleza a ninguém. Não pretendia começar logo agora, com Cassius Clay.

Praticamente todos os cronistas esportivos presentes no Miami Convention Hall esperavam ver Clay terminar a noite beijando a lona. Robert Lipsyte, jovem repórter de boxe do *New York Times*, recebeu um telefonema do editor ordenando que estudasse bem o trajeto entre o ginásio e o hospital, para não se perder no caminho se tivesse de seguir Clay até lá. As apostas eram desfavoráveis a Clay na base de sete contra um, mas era quase impossível encontrar alguém disposto a aceitar uma aposta. Na manhã da luta o *New York Post* publicou um artigo de Jackie Gleason, o comediante de televisão mais popular do país, que dizia: “Prevejo que Sonny Liston vencerá aos dezoito segundos do primeiro round, e a estimativa inclui os três segundos que o Boca de Sino vai levar consigo para o ringue”. Até os financiadores de Clay, o Grupo Patrocinador de Louisville, esperavam

um fiasco; o advogado do grupo, Gordon Davidson, negociou duramente com a equipe de Liston, presumindo que aquela seria a última noite do rapaz num ringue. Davidson torcia apenas para Clay terminar “vivo e ilesos”.

Era a noite de 25 de fevereiro de 1964. Malcolm X, mentor e convidado de Clay, ocupava uma cadeira de ringue, a de número 7. Jackie Gleason e Sammy Davis Jr. estavam lá, assim como os gângsteres de Las Vegas, Chicago e Nova York. Uma nuvem de fumaça de charuto toldava os refletores do ringue. Cassius Clay socava a névoa esvoaçante e aguardava o gongo soar.

“ESTÃO VENDO? ESTÃO ME VENDO?”

Muhammad Ali, sentado numa poltrona estofadíssima, assistia a uma luta sua na televisão. A voz saía num sussurro gutural, o dedo tremia quando apontava para sua imagem quando jovem, preservada em videotape: 22 anos, aquecendo-se no corner, as mãos enluvadas pendendo na altura dos quadris. Ali mora numa fazenda no sul de Michigan. Corre que a terra pertenceu a Al Capone, nos anos 1920. Um dos melhores amigos de Ali, o segundo Drew “Bundini” Brown, chegou a vasculhar a área em busca do tesouro enterrado por Capone. Em 1987, quando vivia num hotel modesto da Olympia Avenue de Los Angeles, Bundini caiu na escada. A arrumadeira o encontrou deitado no chão, paralisado; ele morreu três semanas depois.

Ali sussurrava novamente: “Estão vendo? Estão me vendo?”. E lá estava ele, ladeado por seu técnico Angelo Dundee e por Bundini, um rosto jovem e redondo a murmurar frases de incentivo no ouvido de Ali: “Não pare! Não pare! Voe feito uma borboleta, ferre que nem abelha! Vai, cara, acaba com ele!”.

“Foi a única vez em que me apavorei no ringue”, Ali disse. “Sonny Liston. Primeira vez. Primeiro assalto. Ele disse que ia me matar.”

Agora Ali está pesado. Exibe o desdém dos atletas pelos exercícios e come mais do que seria saudável. A barba ficou grisalha, o cabelo começa a clarear também. Eu havia ido a Michigan

para descobrir como ele se inventara no início dos anos 1960, como um rapaz enorme de Louisville conseguira se tornar um dos mais eletrizantes personagens norte-americanos, um modelo para sua época, bem como um reflexo daquele tempo. Como Cassius Clay, ele entrou para o mundo do boxe profissional num período no qual se esperava que um lutador negro se comportasse com absoluta deferência para com a sensibilidade dos brancos, bancando o nobre e grato guerreiro no mundo sulista de Jim Crow e da hipocrisia nortista. Como atleta, deveria se manter distante da comoção racial e política que explodira à sua volta: as manifestações estudantis de Nashville em 1960 (ano em que ele ganhou a medalha de ouro em Roma), as Marchas da Liberdade, a passeata de Washington, os protestos estudantis em Albany, na Geórgia e no Ole Miss (enquanto ele galgava os degraus na carreira de peso-pesado). Clay não apenas foi tocado pelo momento de rebeldia, ele reagiu de um modo que escandalizou todo mundo, dos racistas brancos aos líderes da Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor (National Association for the Advancement of Colored People, NAACP). Ele trocou de religião e de nome, recusou-se a assumir qualquer papel exemplar ou corresponder a expectativas. Cassius Clay tornou-se Muhammad Ali. Hoje, quase todos os norte-americanos pensam em Ali com uma afeição hesitante — paradoxalmente, ele foi um guerreiro que passou a simbolizar o amor —, mas a transformação de sua imagem popular só veio bem depois da época em que ele se lançou, no início dos anos 1960, o período abordado por este livro.

Ali e eu conversamos naquela tarde sobre os três maiores pesos-pesados de seu tempo — Floyd Patterson, Sonny Liston e o próprio Clay — e o modo misterioso como eles pareciam pontuar as mudanças políticas e raciais que ocorriam quando se enfrentavam pelo título. No início dos anos 1960, Patterson se apresentou como o Negro Bom, um sujeito acessível e curiosamente assustado, um humilde paladino dos direitos civis, da integração e da decência cristã. Liston, veterano da penitenciária antes de subir ao ringue, aceitou o papel de Negro Ruim ao

descobrir que essa era sua sina e que não lhe permitiriam nem um outro. Para a maioria dos cronistas esportivos, Liston era monstruoso, inexplicável, um Bigger Thomas, um Caliban além de sua capacidade de compreensão. Esta história começa com Patterson e Liston, suas vidas e as duas lutas curtas e dramáticas entre eles em 1962 e 1963. Cada um a seu modo, os dois homens representavam o mundo que Ali encontraria e depois transcederia. Ali se considerava acima dos estereótipos que Patterson encarnava e se livraria dos mafiosos que durante muitos anos dominaram o boxe em geral e Liston em particular.

“Eu precisava provar que podia haver um novo tipo de negro”, Ali me explicou, “tinha de mostrar isso ao mundo.”

Por vezes, Ali se entusiasmava ao falar de si, mas em alguns momentos as pálpebras pesadas piscavam repetidamente e se fechavam. Ele dormia no meio da conversa, por cinco ou dez minutos. Costumava fazer isso desde menino, mas agora o sono era mais frequente. De repente, o mundo atual, a vida que levava — jantares em sua homenagem, lutas entre campeões, visitas ao rei do Marrocos ou ao prefeito de Chicago —, tudo isso o entediava. Ele pensava na morte o tempo todo, e dizia: “Faço coisas boas. Visito hospitais. O Dia do Juízo Final vem aí. A gente acorda e pronto, chegou o Juízo Final”. Ali orava cinco vezes por dia, sempre com a morte na cabeça. “Pensando no depois. Pensando no paraíso.”

A luta começou. De preto e branco, Cassius Clay deixou seu corner saltitante e imediatamente começou a circular no ringue, dançando, dando voltas e mais voltas no tablado, aproximando-se e afastando-se, a cabeça virando para um lado e para o outro, como se quisesse se livrar de um torcicolo no início da manhã, com leveza e fluidez — e então Liston, um touro imenso cujos ombros davam a impressão de bloquear o acesso à metade do ringue, deu o bote, soltando um jab de esquerda. Errou por cinquenta centímetros. Naquele momento, Clay começou a mostrar o que aconteceria naquela noite em Miami, e também algo que introduziria no boxe e nos esportes em geral — a união da massa com a velocidade. Um sujeito grande não tinha mais que

se arrastar, podia socar como um peso-pesado e se mover como Ray Robinson.

“É uma graça, não é?”

Ali sorriu. Com muito esforço, ele sorriu. O mal de Parkinson é uma doença do sistema nervoso que endurece os músculos e imobiliza o rosto numa máscara impassível. O controle motor degenera. A fala sofre. Algumas pessoas alucinam ou têm pesadelos. Conforme a doença avança, até o ato de engolir torna-se uma provação terrível. O mal de Parkinson ataca a vítima erraticamente. Ali ainda caminhava direito. Seus braços e tórax ainda exibiam o antigo poder; bastava apertar sua mão para ver que um soco seu daria para nocautear alguém. Para ele, a tortura específica era a fala e a expressão, como se a doença quisesse acabar primeiro com uma característica que o agradava muito e encantava (ou irritava) o mundo. Ele odiava o esforço que falar lhe custava. (“Às vezes, você não vai me entender”, disse quando nos conhecemos. “Mas tudo bem. Eu repito.”) Raramente arriscava uma palavra diante de uma câmera. E dar um sorriso normalmente lhe custava um esforço enorme. Expliquei que sabia do que ele estava falando. Meu pai sofre do mal de Parkinson. Consegue dar somente alguns passos, e o ato de falar, dependendo da hora do dia, pode ser um sacrifício. Portanto eu sabia. Porém, não podia contar que meu pai tem mais de setenta anos. E fala melhor do que Ali. Só que meu pai não passou décadas levando centenas, milhares de socos dos melhores pesos-pesados de sua época.

Ali sorria ao ver sua figura jovem, Cassius Clay, soltando um jab de esquerda maldoso no supercílio de Liston.

“Você tá vendo isso? Muuuuito rápido! Muuuuito lindo!”

Liston parecia magoado, confuso. Não sabia como reagir àquela nova espécie de atleta.

Lonnie, quarta esposa de Ali, subiu a escada e pôs a mão em seu ombro. Ela é uma mulher vigorosa e bela, de rosto sardento. É quinze anos mais nova do que Ali. Cresceu no mesmo bairro que a família Clay, no West End de Louisville. Cursou a Vanderbilt e trabalhava como vendedora da Kraft em Los Angeles.

Quando o terceiro casamento de Ali, com Veronica Porsche, aproximava-se do final, ele a chamou para lhe fazer companhia. Ali e Lonnie acabaram se casando. Lonnie é exatamente aquilo de que Ali precisa. É esperta, calma, amorosa, e não o trata como seu paciente. Além do melhor amigo de Ali, o fotógrafo Howard Bingham, Lonnie talvez seja a única pessoa que deu a Ali mais do que recebeu dele. Em Michigan, cuida da casa e da fazenda, e quando viajam, o que fazem a maior parte do tempo, ela fica de olho em Ali, para garantir que ele durma bastante e tome os remédios. Ela conhece seu estado de espírito e seus hábitos, sabe o que ele pode e o que não pode fazer. Percebe quando está sofrendo e quando se esconde atrás dos sintomas para escapar das situações que o aborrecem.

Ali não tirou os olhos da televisão. Estendeu a mão e a levou às costas de Lonnie.

“Muhammad, você precisa assinar algumas fotos, tudo bem?”, disse Lonnie. Ela colocou duas reluzentes reproduções tamanho 20 × 25 na frente dele. Cassius Clay dançava pelo ringue, parando apenas para fazer mais uma tatuagem no rosto deformado de Sonny Liston.

“Ali, esta é ‘para o Mark’. M-A-R-K. E a outra ‘para o Jim’. J-I-M. Mais tarde, você precisa assinar outras fotos e algumas luvas de boxe.”

É assim que Ali praticamente ganha a vida hoje em dia. Ali recebeu muito dinheiro do boxe, mas não guardou o que poderia. Pagava pensões, aduladores, imposto de renda, farras e a Nação do Islã. De todo modo, a vantagem de ser a figura esportiva mais carismática do século é poder ir a um banquete ou a uma convenção e, mesmo combalido, lento, quase incapaz de falar, sair com um cheque graúdo. De todos os ídolos dos anos 1960 — os Kennedy, King, Malcolm X, John Lennon, Elvis Presley, Bob Dylan, Mickey Mantle —, só uns poucos ainda estão vivos, e entre eles Ali é de longe o mais adorado.

“Assino o nome, depois a gente come”, ele disse, acanhado.

A fita continuou passando. Cassius Clay dominava completamente a luta. Liston exibia dois olhos roxos. Envelhecerá uma

década em quinze minutos. Ali havia adorado a cena na época, e continuava a adorá-la agora. “As pessoas gritavam cada vez que Liston dava um soco”, ele sussurrou. “Estavam esperando. Mas não acreditavam no que viam. Achavam que Liston ia me atirar em cima do público. Mas olhe para mim!” Clay dançava e jabeava. No sexto assalto, mais parecia um toureiro cravando bandari-lhas no cachaço do touro.

No final do sexto round, Liston sentou-se na banqueta e lá ficou. Desistiu. Ali sorriu ao se ver jovem, dançando pelo ringue, gritando, “Sou o rei do mundo! Rei do mundo!”, subindo nas cordas e apontando para os cronistas esportivos: “Engulam suas palavras! Engulam suas palavras!”. No dia seguinte, Clay anunciaría que não era apenas o campeão mundial dos pesos-pesados, mas também um membro da Nação do Islã. Mais algumas semanas e teria um novo nome. E em poucos anos o menino rápido e engraçado de Louisville, Kentucky, se transformaria por seus atos em um dos norte-americanos mais eletrizantes e atraentes de sua época. Tornou-se tão famoso que em suas viagens pelo mundo poderia espiar pela janela do avião — fosse em Lagos ou em Los Angeles, em Paris ou em Madras — sabendo que praticamente todos os seres humanos vivos sabiam quem ele era. Fantasiava viagens ao redor do planeta, de carona, ciente de que todos o hospedariam, alimentariam, adorariam. Nos primeiros tempos como Cassius Clay, ele era frequentemente atacado pelos jornalistas e outras pessoas, no entanto, com o passar dos anos essas vozes ficaram praticamente inaudíveis. Ele ganhava a vida batendo nas pessoas, mas na meia-idade passou a ser considerado um símbolo não só de coragem como também de amor, decência e mesmo de um tipo especial de sabedoria.

A faxineira entrou na sala, deixou de lado o aspirador de pó, sentou-se e ficou olhando para a tela. Cassius Clay continuava a gritar: “Rei do mundo!”.

“Olha como eu era bonito!”

“Ah, Ali”, ela disse, “você tinha uma boca enorme na época.”

“Eu sei”, ele retrucou, sorrindo. “Mas eu não era lindo? Tinha vinte... vinte e quantos? Vinte e dois. Agora tenho cinquenta e

quatro. Cinquenta e quatro.” Durante um ou dois minutos ele não falou nada. Depois, disse: “O tempo voa. Voa. Voa. Voa e vai embora”.

Então, com extrema lentidão, Ali ergueu a mão e moveu os dedos, imitando as asas de um pássaro.

“Simplesmente vai embora”, disse.